

Memórias póstumas e memórias apóstumas e a estética da Relação nas narrativas de Machado de Assis e Uanhenga Xituö

Simone Ribeiro Conceição¹

RESUMO: Ao definir, como memórias apóstumas, sua obra intitulada *O Ministro* (1989), Uanhenga Xitu faz uso de intertextualidade denotadora da relação entre a narrativa angolana e as célebres memórias póstumas machadianas. A partir de uma leitura comparada, o presente estudo analisa o episódio intertextual como representativo do contato e troca entre as culturas do caos-mundo, destacado por Édouard Glissant. Com base no pensamento deste teórico, o intencional diálogo da obra angolana com a obra brasileira permite analisar a troca de referências e influências existente entre as literaturas escritas em Angola e Brasil, espaços pós-coloniais que, no curso da história, estabeleceram uma estética da Relação visível na produção literária e proveitosa para que o estudo das obras literárias africanas auxilie no conhecimento da matriz cultural africana e história angolana.

Palavras-chave: Estética da Relação; caos-mundo; Literatura Comparada.

Posthumous memories and non-posthumous memories and the aesthetics of relationship in the narratives of Machado de Assis and Uanhenga Xituö

ABSTRACT: By defining as "non-posthumous memoir", his work entitled *The Minister* (1989), Uanhenga Xitu makes use of intertextuality denoting the relationship between the narrative and the Angolan celebrated posthumous memoir Machado. From a comparative reading, this study analyzes the intertextual episode as representative of contact and exchange between the cultures of the world-chaos, highlighted by Edouard Glissant. Based on this theoretical thinking, intentional dialogue Angolan work with the Brazilian work allows us to analyze the exchange of references and influences existing between the literatures written in Angola and Brazil, postcolonial spaces which in the course of history, established an aesthetic of visible and profitable relationship in literary production to the study of African literary works helps in the understanding of African cultural matrix and Angolan history.

Key words: Aesthetics of reception; chaos-world; Comparative Literature

¹ Mestre em Literaturas Africanas(UFF), Professora da Rede Municipal RJ, autora de artigos impressos e em meio digital.RJ, Brasil. simonerico@hotmail.com

Ao definir, como memórias apóstumas, sua obra intitulada *O Ministro*, Uanhenga Xitu faz uso de intertextualidade denotadora da relação entre a narrativa angolana e as célebres memórias póstumas machadianas. A partir deste episódio intertextual, este artigo reflete sobre a configuração da estética da Relação, descrita por Édouard Glissant.

Há continuidades temporais imensas que condicionam e contêm as relações entre culturas, e nós as estudamos sobretudo no mundo europeu, porque este foi o mundo que mais nos ensinaram e, infelizmente, somos não apenas deficientes, mas ignorantes no que concerne ao conhecimento das relações culturais em continentes como Ásia ou África. (GLISSANT, 2005, p. 99)

Afirmado no dizer do teórico Édouard Glissant, o desconhecimento sobre o continente africano é evidente entre os brasileiros, cuja educação privilegia o saber eurocêntrico, negligenciando conhecimentos oriundos e referentes ao local de origem de parte expressiva da população. Em reconhecimento a esta lacuna causada pelo restrito contato com saberes de origem africana, o presente artigo, assim como, um conjunto de ações afirmativas institucionais brasileiras, nasce do intuito de ampliar o (re)conhecimento da matriz cultural africana e do protagonismo negro.

Para alcance deste primeiro intuito, o trabalho pretende ampliar a visibilidade da produção literária de Uanhenga Xitu (1924-2014), escritor que partiu recentemente, deixando produção literária incontornável para os leitores ávidos em adentrar a matriz cultural africana. Ao focar Xitu, destacamos a figura de um negro cuja trajetória contraria o imaginário de subalternidade que ronda homens e mulheres negros. Integrante da vida política e cultural angolana, o escritor teve intensa atuação na luta pela independência e, após a independência, continuou sua atividade literária, foi ministro e parlamentar. Portanto, assumiu o protagonismo em diferentes áreas, dentre as quais destacamos a literária, frisando sua contribuição seminal para o projeto de uma literatura angolana escrita com inserção de aspectos tradicionais e registro das transformações culturais vividas após a colonização, e enfatizadas na segunda metade do século XX, período em que Xitu produziu e ambientou suas narrativas.

Recortando um trecho metalinguístico da narrativa *O ministro* (1989), teceremos uma reflexão sobre o estabelecimento de uma relação entre a criação literária de Xitu e a literatura brasileira, que, ao que tudo indica, inspirou o autor angolano a definir sua obra memorialista como òmemórias apóstumasö.

Nesta breve reflexão, comprovaremos que, como afirmado no excerto õhá continuidades temporais imensas que condicionam e contêm as relações entre culturasö (GLISSANT, 2005, p. 99). Ao flagrar tais relações no processo de criação literária de Uanhenga Xitu, estreitamos alguns laços estéticos existentes entre os fazeres literários de Brasil e Angola, ressaltando a troca cultural realizada por Xitu como movimento precursor de um processo cada vez mais intenso no século XXI, marcado pela mundialização e sua veloz troca cultural que colabora com a criação do atual cenário mundial, denominado caos-mundo, por Èdouard Glissant, em òIntrodução a uma poética da diversidadeö, obra citada neste texto inicial e principal referência teórica.

TROCAS CULTURAIS TRANSATLÂNTICAS

No decorrer do século XX, as literaturas escritas no Brasil e em Angola estabeleceram forte relação, manifesta na forma e no conteúdo de diferentes textos literários escritos com trocas estéticas realizadas entre os produtores textuais destas nações que, na literatura, desenham mais claramente a alardeada imagem de países tornados irmãos em função de semelhanças histórico-culturais iniciadas com a colonização portuguesa.

A formação das literaturas brasileira e angolana consiste em uma experiência vivida após a colonização e marcada pela condição Pós-colonial, assim apresentada nos estudos de Stuart Hall (Apud, MATTA, 2007, p. 21):

(...) a transição para o ÷pós-colonialø é caracterizada pela independência do controle colonial directo, pela formação de novos Estados-nação, por formas de desenvolvimento económico dominadas pelo crescimento do capital local e suas relações de dependência neocolonial e o mundo desenvolvido capitalista, bem como pela política que advém da emergência de poderosas elites locais que administram os efeitos contraditórios do subdesenvolvimento. É igualmente significativo o facto de ser caracterizado pela

persistência dos muitos efeitos da colonização e, ao mesmo tempo, por seu deslocamento do eixo colonizador/colonizado ao ponto de sua internalização na própria sociedade descolonizada.

A condição de ex-colônia portuguesa é um dado comum a estas nações, cujas culturas foram construídas com base em referenciais eurocêtricos, dentre os quais destacamos a cultura e a língua portuguesa adotada oficialmente. No processo de desenvolvimento de identidade nacional, em períodos distintos, as literaturas escritas desenvolvidas no Brasil e Angola buscaram referências locais para a criação de textos que ajudaram na criação de identidade nacional para as ex-colônias.

Como considera Antonio Candido no livro *Formação da literatura brasileira* (1971), o Romantismo elaborado no Brasil do século XIX iniciou o processo de síntese de tendências universalistas e particularistas [...] (CANDIDO, 1971, v. 1, p. 23) acionado por autores de textos literários movidos pelo intuito de criar uma literatura brasileira e de construir uma nação. O mesmo processo foi repetido em Angola, quando, na segunda metade do século XX, a luta pela independência mobilizou alguns escritores, dentre os quais Agostinho Neto, Luandino Vieira, Pepetela e Uanhenga Xitu. Neste contexto pré-independência, o texto literário foi utilizado para forjar traços identitários necessários para criar laços culturais em uma população oriunda dos diferentes grupos étnico-culturais que habitavam as inúmeras nações situadas no território definido como Angola pelos colonizadores. No bojo do processo observado em temporalidades e contextos distintos, atua o movimento dialético de continuidade e ruptura. Romper com a matriz colonial instiga a buscar referências locais e, em busca dessas referências o texto privilegia a narrativa de aspectos inexistentes na cultura europeia e típicos das culturas tradicionais locais.

Para a reflexão sobre o processo de formação da literatura angolana, consideramos enriquecedor um pequeno trecho da entrevista concedida pelo escritor Pepetela em entrevista concedida à BBC do Brasil, em 2011:

o Brasil é o irmão mais velho. Os angolanos, em seu imaginário, têm o Brasil como uma das referências principais, ao passo que os brasileiros não têm a Angola sequer como uma referência [...].

A fala do escritor angolano corrobora uma troca desigual entre Brasil e Angola, configurada em função de aspectos históricos que fizeram o Brasil, maior colônia portuguesa, assumir suposta superioridade diante da colônia menor, que tomou a nação brasileira como uma referência, um exemplo de nação construída após a independência do jugo colonial.

No âmbito da produção literária, levando em conta a literatura negra brasileira, iniciada em 1975, com a publicação dos Cadernos Negros, cai por terra a afirmação de que Angola não é referência. Certamente, é neste segmento da produção literária que observamos as trocas mais intensas entre autores brasileiros e a matriz cultural africana, acessada através da produção literária escrita pelos Novos Intelectuais de Angola. Lida por escritoras e escritores negros brasileiros, as obras de Agostinho Neto e outros autores do mesmo movimento, forneceram referências simbólicas e imagéticas para projetar na literatura brasileira uma textualidade caracterizada pelo protagonismo negro visível na autoria, temática e discurso.

Feita a importante ressalva, trajetória e obra de Uanhenga Xitu nos permitem retomar aspectos que confirmam a histórica relação entre as escritas literárias angolanas e a busca de referências em obras e autores brasileiros.

UANHENGA XITU: O SOPRO DO LUGAR INSCRITO NO CAOS-MUNDO.

Ao parafilosofiar em torno da ambígua ideia de caos, teorizada pela filosofia das ciências, Glissant conceitua seu caos-mundo como contexto que evidencia o choque, o entrelaçamento, as repulsões, as atrações, as conivências, as oposições, os conflitos entre as culturas dos povos na totalidade-mundo contemporânea (2005, p. 98). Com suas palavras, o autor nos fornece o mote para observar que a ação de todos estes elementos é uma característica do mundo globalizado e se mostra muito acentuada no cenário angolano composto pela mistura de traços culturais de grupos étnicos locais, aos quais somaram-se elementos da cultura europeia, norte-americana e outras postas em contato no mundo globalizado.

No mundo globalizado, visto por Glissant como totalidade-mundo, a obra de Xitu é extremamente rica em elementos passíveis de trocas com outras culturas, visto que o projeto literário deste escritor valoriza elementos retirados da língua kimbundu, dos ritos tradicionais e da linguagem popular definida como calão e impregnada de história oral e memória social. Selecionado nas memórias apóstumas, o discurso de um mais-velho destaca a sabedoria popular e registra o kimbundu falado por parte da população

Pede-se muitas vezes que se tenha coragem. A coragem é relativa. Fugir a uma cobra é ter coragem, fugir a um leão, elefante, onça, também é ter coragem, logo essa coragem é valentia, pode ser uma virtude até; diz-se na minha área que o melhor lutador é aquele que foge (*ó mulengi ua subuka*). (1989, p. 287)

Adentrando a história da formação da literatura angolana escrita, verificamos que a publicação das obras de Uanhenga Xitu teve início apenas em 1974, mas, como indica o crítico literário angolano Luis Kandjimbo (2000), o escritor compartilha um projeto ideológico comum aos autores que integram a geração de 50, responsável pelo movimento de consciencialização e luta anti-colonial em Angola. Antes de tornar-se autor, o sujeito registrado como Agostinho André Mendes de Carvalho viveu a experiência de militância no movimento pela independência. Por conta desta atividade político-ideológica, foi indiciado no Processo dos 50, movido contra os intelectuais envolvidos na luta contra o sistema colonial, processo que resultou em sua condenação e prisão no Tarrafal em 1959, junto com autores como Pepetela, Luandino Vieira, Boaventura Cardoso e outros indiciados pelo mesmo processo. No campo da Morte Lenta, como ficou conhecido o Tarrafal, na Ilha de Cabo Verde.

Aprisionado, libera a escrita das obras que seriam assinadas com o nome kimbundu Uanhenga Xitu. Como assegurado em depoimentos sobre o cárcere, livros de literatura brasileira circulavam por este local, promovendo a relação entre os escritores angolanos e a cultura literária brasileira. Um dos escritores detidos, em entrevista a Michel Laban (1980), Luandino Vieira confirmou a influência da literatura brasileira em sua escrita literária, revelando que encontrou em Guimarães Rosa a justificativa para classificar como estória suas narrativas mais longas que o conto e menos desenvolvidas que a novela ou o romance.

A partir do conhecimento desta relação estabelecida entre as culturas angolana e brasileira, no século XX, encaramos a definição de Uanhenga Xitu para a obra *O Ministro* (1989), como episódio intertextual, criado pelo autor angolano para atribuir à sua obra um caráter memorialístico, semelhante ao existente na célebre obra de Machado de Assis:

“O Ministro” não é meu livro ou uma obra que ataca, que acusa, longe de mim essa intenção e não me preocupa que alguém ou alguns o queiram ver por esse carris. A verdade é que ele representa as MEMÓRIAS APÓSTUMAS do Mendes de Carvalho (XITU, 1989, p. 104)

Ao mesmo tempo, o intertexto criado por Xitu no primeiro capítulo, indica seu intencional posicionamento como narrador-autor que, ao contrário do defunto autor machadiano, opta pela narrativa memorialística em vida, adotando na escrita a *õpena da galhofa e a tinta da melancolia*² apresentada por Brás Cubas ao leitor e responsável pelo toque de crítica social produzido por imagens ácidas, às vezes revestidas de humor, que as memórias revelam: *õao verme/ que/ em primeiro roeu as frias carnes/ do meu cadáver/ dedico/ como saudosa lembrança/ estas/ memórias póstumas* (ASSIS, 1994, p. 1)

Em alguns trechos de sua narrativa memorialista, Xitu sugere que seu material literário escrito em Angola, um século após a obra machadiana, toma como referência procedimentos narrativos e enunciativos similares. São estes procedimentos, sobre os quais refletiremos daqui por diante, que nos levam a pensar no estabelecimento da estética da relação observada por Édouard Glissant nas práticas culturais vigentes no mundo atual.

Inicialmente, ressaltaremos a criação intertextual como procedimento utilizado por Uanhenga Xitu para afirmar a condição apóstuma de seu narrador e de suas memórias. É este narrador-autor vivo que, ao testemunhar fatos, alguns transformados em ficção, interpela seus leitores para que *õconfirmem ou não, se faz favor, antes que me torne num póstumo de facto* (Idem). Com o neologismo *õapóstumo*, Xitu grifa sua opção em se fazer narrador das próprias lembranças enquanto vivo, antes de ser acometido pelo verme que devora o narrador machadiano, morto sem concretizar seu objetivo de criar um emplasto milagroso. A partir desse olhar comparativo, consideramos que a escrita parece ser o emplasto usado pelo escritor angolano para atenuar alguns males observados no corpo social de sua sociedade após a

² Na apresentação da obra ao leitor, Machado cria esta expressão usada por Brás Cubas (1994, p. 97)

independência. Em função desse objetivo, a palavra de Xitu recupera imagens necessárias ao compromisso assumido pelo escritor: *õa nossa revolução, a sua história tem de ser feitas por nós mesmos, e de acordo com as nossas capacidade e características* (1989, p. 89).

Em seu conhecido romance, o narrador de Machado sentencia: *õdeve ser um vinho energético a política* (1994, p. 190), neste momento, a narrativa enfatiza o arrebatamento da elite local diante da nova práxis inspirada no modelo republicano criador de contexto social povoado por deputados, assessores e ministros. Como nas memórias de Brás Cubas, o ministro é uma personagem que indica os novos paradigmas assumidos pela sociedade brasileira e angolana, no momento inicial dos contextos pós-coloniais destes países irmanados na reprodução de posturas coloniais que colaboram com a construção de sociedades caóticas em muitos aspectos, alguns denunciados na narrativa

õHá um povo que desconhece a nomenclatura e não distingue cargos; para ele um ministro também é o director, o secretário, o chefe de departamento [...] Constroem e constituem os seus ministérios como órgãos, organismos e até presidências, nos musseques, falando em nome de superiores, invocando nomes de personalidades de destaque no Governo para atingir seus fins, extorquindo, aprisionando, assassinando, gerundindo daí para fora com todos os gerúndios negativos. (XITU, 1989, p. 33)

Com efeito, tomando por tema a sociedade pós-colonial e suas mazelas, a escrita de Uanhenga Xitu assemelha-se ao conteúdo das memórias machadianas. Esse e outros pontos de imbricação entre a obra africana do século XX e obra brasileira do XIX ilustram a ocorrência da *õestética da relação* apontada por Édouard Glissant como resultado de um panorama atual em que *õculturas do mundo [são] colocadas em contato umas com as outras de maneira fulminante e absolutamente consciente, [e que], transformam-se, permutando entre si* (2005, p.18). Embora nossa leitura considere Uanhenga Xitu como um escritor vinculado aos modelos literários da tradição africana, a repetição do episódio intertextual indica que sua escrita é marcada por contatos culturais involuntários, de natureza fulminante, como o estabelecido pela empresa colonial portuguesa, bem como por contatos conscientes de produtores textuais angolanos que encontraram nas obras literárias brasileiras uma influência. A esse respeito, ouçamos o que nos diz Xitu: *õsou um grande leitor, leio, li os grandes*

escritores portugueses, brasileiros, e isso influenciou-me muito a fazer alguma coisa (1989, p. 292).

Além da relação mencionada acima, no plano do conteúdo das memórias de Brás Cubas e de Mendes Carvalho se estabelece uma relação com a memória coletiva de seus locais de fala. Nas vozes de personagens e narradores estão presentes o que Glissant (2005, p. 82) nos apresenta como *õrastros/resíduosö* e que consistem naqueles vestígios mais arraigados das culturas locais, bem como marcas de transformações socioculturais evidentes nesses espaços após a ação colonial. A condição de vivo e morto é um diferencial entre estes narradores que assumem a semelhante função de, via literatura, b abrir espaço para projetar os discursos gerados nas histórias vividas ao Sul, tornando-os passíveis de serem conhecidos e agregados à História compartilhada pelas culturas contemporâneas e que, no dizer de Maurice Halbwachs, *õassemelha-se a um cemitério onde o espaço é medido e onde é preciso, a cada instante, achar lugar para novas sepulturasö* (1990, p. 55).

CONCLUSÃO

As linhas apresentadas enfatizam o caráter enriquecedor da longínqua troca literária entre as escritas em língua portuguesa produzidas no Brasil e Angola. O estabelecimento de uma estética da Relação é configurado quando o texto angolano toma de empréstimo recursos discursivos, formais e temáticos já existentes na literatura brasileira, utilizando-os para a criação de obras literárias que ajudam a conhecer aspectos da matriz cultural africana presentes nas identidades angolanas. A partir deste diálogo breve e fraterno, buscamos iluminar a percepção das obras literárias africanas como textualidade enriquecida pelo uso de recursos estéticos, formais e conteudísticos que permitem o acesso a inúmeros aspectos da matriz cultural africana. Muitos destes aspectos estão representados na produção literária de Uanhenga Xitu e fazem das obras do autor uma referência para o fortalecimento da relação estética que efetiva um fecundo laço cultural entre Brasil e Angola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Machado. *Obra completa*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- XITU, Uanhenga. *O Ministro*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1989.
- CANDIDO, Candido. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 4. ed. São Paulo: Martins, 1971. 2 v.
- GLISSANT, Èdouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: Editora UFJ, 2005.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 1990.
- KANDJIMBO, Luís. *De vagares e vestígios*. Luanda: INIC, 2000.
- LABAN, Michel *et al.* *Luandino: José Luandino Vieira e sua obra*. Lisboa: Edições 70, 1980.
- MATA, Inocência. *A literatura africana e a crítica pós-colonial*. Reversões. Luanda: Editorial Nzila, 2007.

MEIO DIGITAL

Entrevista Pepetela. Acesso em 15/03/2014
http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/09/110908_angola_entrevista_jc.shtml

Entrevista Luandino Vieira. Acesso em 15/03/2014
<http://www.buala.org/pt/a-ler/guimaraes-rosa-lido-por-africanos-impactos-da-ficcao-rosiana-nas-literaturas-de-angola-e-mocam>

Recebido em 16/03/2014.

Aceito em 13/05/2014.